



SOPRO 63

O **SOPRO** apresenta a tradução, feita por Vinicius Honesko, da conferência proferida por Giorgio Agamben durante a programação do “Festival de músicas sagradas do mundo”, ocorrido entre os dias 5 e 9 de junho de 2010, nos “Encontros de Fez”, organizado pela fundação “Espírito de Fez”. Este texto, juntamente com os dos demais participantes do Festival, foi publicado, originalmente em francês, em *Le voyage initiatique*. Paris: Albin Michel, 2011, organizado por Nadia Benjelloun.

O que é um mistério?

Giorgio Agamben

Para responder a questão “O que é um mistério?”, gostaria de, primeiramente, pedir-lhes para transportar sua imaginação à Alemanha dos anos 1920. Não para os tumultos que agitavam as grandes cidades da República de Weimar naquele momento, no pós-guerra, mas para a calma e o silêncio da abadia beneditina de Maria Laach, na Renânia. Ali, um obscuro monge, Odo Casel, publica em 1921 *Die Liturgie als Mysterienfeier (A liturgia como festa misteriosa)* que marca o nascimento do que será chamado o “movimento litúrgico” (*die liturgische Bewegung*) e que irá exercer uma enorme influência no seio da Igreja Católica.

Os trinta primeiros anos do século XX foram chamados, com razão, a “idade dos movimentos”. Pois, tanto à direita quanto à esquerda da cena política, os “partidos” dão lugar aos “movimentos”. O movimento operário assim como o fascismo e o nacional-socialismo definem-se como movimentos e não simplesmente como partidos. Mas igualmente nas artes, nas ciências e em todos os domínios da vida social, vê-se surgir movimentos que progressivamente substituem as escolas e as instituições. Quando Freud, em 1914, procura um título para apresentar a psicanálise, depois de refletir, irá chamá-la “movimento psicanalítico”; não é uma escola, é o movimento psicanalítico.

Qual é a tese que Casel coloca no centro de seu movimento litúrgico? A liturgia cristã é um mistério. O que isso quer dizer? Ainda na sua dissertação doutoral, escrita em latim e discutida, em 1918, na universidade de Bonn e cujo título era *De philosophorum graecorum silentio mystico (Sobre o silêncio místico dos filósofos gregos)*, a estratégia de Casel está claramente colocada. Sob a aparência de uma pesquisa filológica erudita, nela já se vê enunciadas as duas teses que irão guiar os movimentos litúrgicos. A primeira: os mistérios pagãos, os mistérios eleusinos, órficos ou dionisíacos não devem ser vistos como uma doutrina secreta que se poderia formular num discurso, que seria proibido revelar. Ao contrário, esta é, segundo Casel, uma significação tardia da palavra “mistério” que vem das escolas neo-pitagóricas e neo-platônicas. Na origem, o termo “mistério” designa para Casel uma práxis, uma ação, um drama, *dromèna*, como se diz em grego, isto é, gestos e atos pelos quais uma ação divina se mostra e se realiza no mundo para a salvação do homem que participa de tal mistério. De fato, sabe-se que nos mistérios pagãos o iniciado assiste a algo como um drama, como uma pantomima teatral. Clemente de Alexandria, que é um informante cristão, e enquanto tal tendencioso, mas que, parece, tinha sido iniciado antes de se tornar cristão, chama os mistérios eleusinos de um “drama místico” (*drama misticon*). É a primeira tese: não é uma doutrina

secreta, é uma ação. O segundo ponto é que há uma conexão entre os mistérios gregos e a liturgia cristã. Essa conexão já tinha sido assinalada pelos historiadores das religiões como Reizenstein, Dietrich, Usener, Burnet etc., mas adquire uma nova significação, uma vez que é reivindicada pela própria Igreja. Trata-se de procurar para a liturgia cristã uma genealogia não judaica, pois, ao contrário, sabemos que a liturgia cristã foi muito influenciada por aquela da sinagoga – poder-se-ia ver aí, portanto, dado o contexto histórico, uma nuance anti-semita que, aliás, Casel jamais irá explicitar. Assim, a liturgia enquanto mistério é essencialmente uma *actio*, uma ação, uma prática e não uma doutrina. A Igreja não é ou não é somente uma comunidade de crentes que se define pela profissão de uma doutrina cristalizada em dogmas; a Igreja se define muito mais pela participação no mistério, isto é, numa ação litúrgica de culto. Há, portanto, segundo Casel, um verdadeiro primado da liturgia sobre a doutrina, do mistério sobre o dogma, no sentido de que é pela liturgia que se pode chegar a uma definição verdadeira da doutrina e não o contrário.

Essa tese, que influenciou enormemente a Igreja católica, foi, entretanto, vista com certa desconfiança pela Cúria romana, como uma ameaça à função essencial do papa como guardião do dogma. Em 1947, depois do fim da guerra que dividiu a Europa, Pio XII publica uma encíclica, *Mediator Dei*, inteiramente dedicada à liturgia. Salientando ao mesmo tempo a importância vital, fundamental da liturgia para a Igreja, o papa aí reafirma o primado do dogma sobre a ação litúrgica ou, ao menos, a estreita conexão entre os dois. É nesse sentido que a tese de Casel é uma tese política e, pensando-se no contexto político do momento histórico no qual ela é anunciada, vê-se aí um primado da práxis sobre a teoria.

O que acontece nos mistérios litúrgicos? Qual é seu papel estratégico? Em 1928 Casel publica na sua revista o ensaio *Mysteriengegenwart (A presença misteriosa)*. O núcleo mais próprio do mistério cristão, segundo Casel, é tornar novamente presente a ação de salvação do Cristo e de, antes de tudo, tornar presente o próprio Cristo. Isto é, que o mistério não é uma *re-presentação*, mas uma *apresentação*, uma presença real e não somente simbólica. Mas, de qual gênero de presença se trata? Obviamente que não se trata da presença histórica, isto é, da crucifixão tal como aconteceu no Gólgota num certo dia de um certo ano; ao contrário, trata-se de uma presença particular que diz respeito não ao sacrifício histórico, mas ao sacrifício na sua efetividade soteriológica, isto é, o sacrifício enquanto produz a salvação e a redenção dos pecados dos homens. Casel tem o cuidado

O que é um mistério? Giorgio Agamben

de especificar, portanto, que em questão nos mistérios litúrgicos está sim uma ação, mas uma ação eficaz. Uma realidade operativa – utilizo esse termo porque *operatorius* é o adjetivo que irá designar na liturgia patrística os efeitos da liturgia. A liturgia é operativa no sentido de que seus efeitos se produzem de qualquer modo.

É preciso refletir bem sobre essa tese central da teologia cristã sobre a liturgia enquanto ação sacramental: a liturgia produz seus efeitos *ex opere operato*, isto é, de qualquer modo, pelo simples fato de que um ato se cumpra, pelo simples fato de uma palavra ser dita, de um gesto ser cumprido, o efeito se produz absolutamente, sem falta. Independentemente das qualidades do padre: o padre pode ser um assassino, um blasfemador, pode estar completamente bêbado no momento do batismo ou da missa, mas o sacramento permanece válido e os efeitos se produzem. Os teólogos dão até mesmo exemplos extraordinários, como o de um padre que, para seduzir uma mulher, a batiza: o batismo permanece válido. Vejam bem, portanto, que o mistério da liturgia é no fundo o mistério da operatividade, de uma eficácia radical. Uma ação absolutamente eficaz sem relação com as condições que habitualmente garantem a eficácia de uma ação humana.

Deixemos de lado agora a análise de Casel, de sua interpretação da liturgia cristã. Primeiramente, o que ganhamos com tal análise? Nós nos liberamos da falsa noção do mistério enquanto doutrina secreta ou incognoscível: vimos, ao contrário, que o mistério é uma práxis, algo como uma ação dramática dotada, segundo Casel, de uma eficácia particular. É possível perguntar-se, contudo, se uma tal definição é condizente com o que sabemos dos mistérios pagãos e também com a nossa experiência do mistério, talvez admitindo-se que uma tal experiência esteja disponível para nós, modernos, além dos limites da liturgia cristã. Iremos, portanto, inverter o caminho e voltar ao mistério pagão do qual Casel tinha desenvolvido seus argumentos. Os historiadores das religiões nos dizem que os mistérios eram aparentados a uma ação dramática, e, nisso, Casel tinha razão. Para empregar as próprias palavras de Rohde: “Os mistérios eleusinos eram uma pantomima acompanhada de cantos sagrados e de fórmulas que representavam a história do rapto de Perséfone, de sua busca empreendida por mestres até os reencontros.” Desse modo, não estamos longe da ideia de Casel. No entanto, tudo muda quanto ao que acontece realmente nos mistérios, particularmente no que concerne aos seus efeitos, sua eficácia. Nesse ponto, as fontes antigas permanecem muito vagas. Tudo o que nos dizem é que o iniciado adquire “doces esperanças”, que se torna bem aventurado, pois conhece o realização de sua vida. Muito longe, portanto, da eficácia *ex opere operato* do mistério cristão segundo Casel.

A mais longa descrição que temos dos mistérios antigos se encontra num romance escrito em latim por volta do século II, *As Metamorfoses* ou *O Asno de ouro*, de Apuleio. O protagonista, que tinha sido transformado em asno no momento em que descreve sua iniciação ao mistério de Isis e a salvação que nele encontra, emprega a muito significativa expressão *precária salus*, uma “salvação

precária”. Em latim *Precarius* é literalmente o que é obtido por uma *prex*, um pedido verbal, oposto a uma *quaestio*, que é uma demanda que quer obter a todo custo seu objeto – é por isso que *quaestio*, “questão”, irá se tornar o nome da tortura. Se nos mistérios cristãos a salvação era, portanto, garantida, nos mistérios pagãos, ao contrário, tudo é precário. Não há aqui nenhuma certeza, mas muito mais uma aventura noturna e incerta que tem lugar numa linha instável que passa entre o Deus infernal e o Deus celeste, o homem e o animal, a vida e a morte.

Se a mais longa descrição dos mistérios antigos se encontra assim no romance de Apuleio, é porque entre os romances e os mistérios há, iremos ver, uma relação estreita; e é na análise desta relação que gostaria de concluir minha exposição.

Em 1962 Reinhold Merkelbach publica sua monografia *Roman und Mysterium in der Antike* (*Romance e mistério na Antiguidade*). A tese do livro é clara: retomando a ideia sobre a origem dos romances clássicos que tinha sido proposta por Kerényi, o autor, por meio de uma análise detalhada de vários romances gregos e latinos, mostra que não somente há uma ligação genética entre os mistérios e os romances clássicos, mas que os romances antigos devem ser lidos como verdadeiros *Mysterien-texten*, “textos místéricos”. Qual é o elemento comum que liga tão estreitamente mistério e romance? É que nos mistérios, como nos romances, vemos pela primeira vez uma existência individual se ligar a um elemento divino, ou sobre-humano, de tal modo que as sortes e os episódios de uma vida singular adquirem uma significação que os ultrapassa e tornam-se nesse sentido misteriosos. Na verdade, é o que ainda acontece hoje em um romance: o enredo de episódios e de circunstâncias que o autor tece ao redor de sua personagem (por exemplo, Isabel Archer no *Retrato de uma senhora* de Henry James; ou Anna Karenina no romance de Tolstói) é também o que vai constituir esta vida singular como um mistério que é preciso compreender, que a própria protagonista vai compreender. Mistério que não é necessariamente sagrado e que pode ser, ao contrário, inteiramente profano e, às vezes, até mesmo miserável, como é o caso de Emma Bovary, mas que não deixa de ser um mistério. De todo modo se trata de mistério, pois há nele, como em Elêusis ou em Apuleio, uma iniciação. Iniciação a quê? À própria vida. Com isso quero dizer que, nos romances, a vida aparece como um mistério no qual a própria vida é ao mesmo tempo a iniciadora e o único conteúdo do mistério. Está aí, parece-me, uma definição possível do romance que é também, entretanto, uma definição do mistério.

Tradução de Vinicius Honesko



NOTAS PARA A RECONSTRUÇÃO DE UM MUNDO PERDIDO

Flávio de Carvalho

Notas para a reconstrução de um mundo perdido é um conjunto de 65 textos de Flávio de Carvalho publicados no *Diário de S. Paulo* entre janeiro de 1957 e setembro de 1958. Os primeiros vinte e quatro textos da série aparecem sob o título *Os gatos de Roma*. A partir da nota 25, a série passa a ser intitulada como *Notas para a reconstrução de um mundo perdido*. A republicação dessas *Notas* no **SOPRO** (que começou no número 49) não pretende trazer um material de arquivo morto, ao contrário: a aposta é lançar esse pensamento intempestivo e fascinante para que ele produza efeitos no presente. O que podemos adiantar é que se trata de um trabalho ambicioso realizado por um “arqueólogo mal-comportado”, como Flávio mesmo se definiu. As *Notas* foram reproduzidas e transcritas por Flávia Cera, a partir de pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

XVII - OS GATOS DE ROMA

Ritmo e memória

A memória é espelho filogenético do homem. A floresta deu ao homem o ritmo. A repetição ao infinito da imagem da árvore na floresta teria imposto ao homem a necessidade de absorver esse ritmo ou, por um processo de vibração, teria despertado um desejo rítmico antigo. A memória insistente é uma multiplicação de imagens como a produzida por um jogo de espelhos. A memória é um fenômeno rítmico. O homem recém-descido da árvore, mergulhado no tenebroso e ondulante Bailado do Silêncio, teria proferido o primeiro Soluço após a percepção visual da repetição rítmica dos troncos das árvores. As árvores não eram mais apreciadas tatilmente, mas sim visualmente, pois os homens não subiam mais nas árvores.

A função da floresta era a de despertar no homem as mais antigas noções de ritmo. A Reversão é um fenômeno de memória e de ritmo. A Regressão psicológica se identifica com a Reversão e é também um fenômeno de memória e de ritmo. O reaparecimento periódico de ritmos é observado no fenômeno de Reversão. As listas das zebras que reaparecem de quando em quando nos muros, após milhares de gerações desaparecidas, são manifestações de um arranjo rítmico, são memórias da espécie que ressurgem em virtude da força estereotipada do arranjo rítmico. Tanto as listas da zebra como as pintas da onça possuem um desenho rítmico que exige esse reaparecimento num descendente remoto por ser o ritmo um processo de fixação. Portanto, o problema da reversão torna-se um problema ligado ao ritmo do desenho, das cores e dos volumes do Começo e está naturalmente ligado ao primeiro “habitat” do homem, a floresta.

A memória é a exteriorização de um ritmo que, pela sua natureza de repetição infinita e sem alteração e, portanto, sem sinais de terminar, torna-se angustiante. É a memória do não-acabado daquilo que havia sido tão desejado e que não fora realizado. Quanto mais rítmica é a manifestação mais facilmente se transformará em Memória e menos resistência encontrará para o seu reaparecimento sucessivo.

O mesmo mecanismo que provoca uma Reversão ou uma Regressão, ou um ritmo de memória, provoca também o seu desaparecimento.

A Reversão e a Regressão processam-se pela presença do reagente inalterável ou catalítico que são as forças afetivas e as imagens associativas. É o efeito do choque visual ou emocional que provoca o aparecimento ou o desaparecimento da Reversão e da Regressão, ambos manifestações rítmicas de Memória. É o choque de uma mudança brusca de ambiente ou um choque emocional experimentado por um personagem, freqüentemente o esquizotímico, que viaja pela vida quase intoxicado pelo mundo exterior. É o mesmo choque que provoca o desaparecimento de uma crise histérica obtusa pela aplicação da dor desmoralizadora de uma tapa no rosto, de um assobio estridente, de uma ordem brusca.

A manifestação histérica é uma forma de memória rítmica, uma reversão a um passado antigo e quando a ocorrência se apresenta também rítmica e conseqüentemente obtusa aparece e desaparece pela aplicação da violência do choque.

O crime é uma manifestação de memória cuja forma dinâmica é uma reversão a um substratum criminoso antigo, comum a todos, e que aparece na tona da consciência, involuntariamente, como um movimento reflexo e com toda a violência característica desse movimento. A formação estrutural do crime deve ser rítmica pela persistência com que ele aparece quando movimentado pelo abalo emocional.

O movimento reflexo seria a memória involuntária. A memória forma toda a vida consciente do homem, o que equivale a dizer que toda a vida consciente é constituída de movimentos reflexos condicionados em alguma época. A mecânica da memória é uma exteriorização de um ritmo antigo ou atual, tornado reflexo e cujo aparecimento quando persistente, estorva e impede a formação de novas idéias, obstruindo o mundo do homem. De qualquer modo, a memória exige um reagente afetivo para o seu aparecimento, uma associação angustiante.

Uma das manifestações mais importantes e mais antigas da vida é encontrada nas primeiras vocalizações do homem. O Sim e o Não, pronunciados hoje pelo homem, são manifestações involuntárias pertencentes ao início da formação do homem. As vocalizações básicas da concordância ou do Sim são sons prolongados de satisfação, com repetição das sílabas sem interrupções e intervalos e se encontram antes do Não de maneira idêntica como o canto se encontra antes do

som articulado e falado. O canto deve ser considerado como uma manifestação da aquiescência e aprovação do mundo. Cantar era estar de acordo com tudo. A serenata amorosa é uma demonstração disso.

A vocalização “Ah-ah-ah”, prolongada e sem intervalos é uma manifestação primitiva do Sim enquanto que a vocalização do “Uh-uh-uh-uh”, entrecortada por intervalos, é uma primeira manifestação do Não.

Os primeiros cantos do homem se encontrariam antes do primeiro Solução, e o Solução com a sua interrupção sonora seria a primeira manifestação do Não proferido pelo homem. O não forçosamente surge após o Sim e como manifestação de tática defensiva. O primeiro Solução e o primeiro Não são o início da linguagem articulada. A linguagem articulada é a vocalização dirigida rumo à cultura mesmo, como a Marcha Hesitante, um produto do Solução, é o movimento dirigido rumo à Visão Geográfica. O Sim e o Não são problemas de memória ancestral. A aquiescência e o negativismo são momentos de coordenação ancestral, momentos que foram estereotipados no passado antigo e que reaparecem excitados pela sugestibilidade das coisas.

O Não ou o Sim obtuso, insistente e repetido, tão comum no histérico, na criança, no alienado e no primitivo deve ser considerado como uma manifestação antiga e primitiva de histerismo algo do começo, algo básico na vida, provavelmente uma atitude de Defesa Passiva como presenciamos hoje com o Não, obtuso e insistente, do ditador Nasser, do Egito. O Não e o Sim repetidos e insistentes são manifestações rítmicas da vida e por esse motivo pertencem aos fundamentos da Memória. O Não e o Sim, obtuso e repetido, são um movimento reflexo. O Não obtuso e o Sim obtuso recusam uma solução intermediária. São manifestações bruscas e brutais de golpe proveniente de camada filogênica inferior e que se associam às manifestações do histérico, da criança e do primitivo e têm a morfologia violenta e explosiva do movimento reflexo.

Publicado originalmente no *Diário de S. Paulo* em 12 de maio de 1957.

XVIII - OS GATOS DE ROMA Atrás da Linguagem

A floresta abrigou adequadamente o homem e a sua sobrevivência é considerada um acontecimento extraordinário.

O mundo antes da linguagem articulada era um mundo de Defesa Passiva. O primeiro Solução sincronizado à Marcha Hesitante marca o início de esboço da linguagem articulada como também os primórdios da Defesa Agressiva. A vocalização Uh-uh-uh-uh, de sons interrompidos, proveniente do primeiro Solução e significando o Não, é a primeira mostra de Defesa Agressiva. São os primeiros sintomas do Homo Socius a vir. O Homo Socius é um produto da linguagem articulada e da cultura, é um ser gregário com tendências a gostar do contato com o seu semelhante e que exerce como comportamento a Defesa Agressiva. Essa Defesa Agressiva deve, pois, ter aparecido com o aparecimento da linguagem isto é há um milhão e quinhentos mil anos atrás.

No período de Defesa Passiva, atrás da linguagem, o homem evitava o seu semelhante como também o perigoso mundo animal, o homem fugia ao contato do mundo, contudo a sua manifestação vocal era uma de aquiescência e de aprovação do mundo. O homem emitia a vocalização ligada e sem intervalos do tipo ahahahah que era o Sim primitivo e passivo situado antes do Não agressivo. A vocalização entre-cortada por intervalos Uh-uh-uh exprimindo o Não se identifica com a manifestação de animais que latem como o cachorro e que não estão de acordo com um acontecimento ao lado.

Após a Descida da Árvore, o antepassado do homem tinha que resolver um grave problema vital, o de enfrentar as feras de grande porte e todo o seu comportamento para com o mundo animal ao qual estava intimamente ligado e para com o seu semelhante se manifesta como consequência dessa situação e analisando esse comportamento encontramos todos os gestos e todas as atitudes pertencentes à categoria Defesa Passiva, encontrados também nas manifestações da criança recém-nascida.

O dom mais importante do homem situado atrás da linguagem, do homem privado do som articulado é o de adivinhar o pensamento do seu semelhante e o pensamento dos animais que o contornam.

No Começo, o homem sem linguagem é essencialmente um emotivo e um perito na leitura do pensamento. A leitura do pensamento se intensifica para compensar a ausência de linguagem.

Possivelmente este dom telepático teria dado origem ao animismo provocando uma carícia sobre o mundo objetivo e provocando um mimetismo que mais tarde faria do Homo Socius um ser eminentemente social e gregário. Semelhante pantomina dramatizava a inteligência inarticulada.

Esse antigo dom telepático entre o homem e o mundo animal é ainda exercido hoje pelos animais que não tem linguagem com o intuito de se comunicar com os homens e estes animais adivinham o pensamento do homem.

Por outro lado o medo hereditário que a criança de dois anos, com consciência mal formada e de curta duração, tem por gatos e cachorros e outros animais, antes mesmo de ter motivo para ter medo, é uma demonstração da maneira pela qual a criança, antes de saber falar, adivinha o pensamento do gato e do cachorro, reproduzindo pela sua ação um período perdido no Começo onde havia um convívio maior entre o homem e o mundo animal e onde o homem exibia um comportamento especial para sobreviver ao perigo da fera de grande porte. Todos os povos primitivos, mesmo os de hoje exercem com grande perícia esse dom de adivinhar.

Toda a atuação do homem antes da linguagem articulada se manifesta por gestos e por sons inarticulados que significam a aprovação do mundo. Essas manifestações são de natureza kinesica onde os gestos de associam às vocalizações numa eurtmia de Defesa Passiva.

O homem atrás da linguagem e que emite gritos, grunhidos, murmúrios, cochichos, lamentos e nasalizações, também estica o dedo, pisca o olho, levanta a sobrancelha, movimentam os braços e sacode a cabeça acompanhada por um dedo admoestador.

O seu período de motilidade é curto, a maior parte do tempo ele passa dormindo, mesmo como acontece criança recém-nascida. O seu sono parece ser uma imposição das condições da floresta, das condições de penumbra e do efeito hipnótico consequência da repetição sucessiva das formas e dos pontos luminosos. As condições técnicas da floresta promovem a sobrevivência do homem, camuflando-o no suicídio diário que é o sino ou na morte aparente que ele exhibe. Tanto o suicídio como o sono tem como causa motriz a sensação de inferioridade gerada pela falta de consideração do mundo exterior.

A natureza dava ao homem do Começo um sono prolongado como o da criança nova para que, exibindo o aspecto rígido da morte, ele pudesse se defender contra as feras de grande porte. Às vezes esse aspecto rígido é acompanhado de suspensão da respiração como acontece no mecanismo de defesa passiva da criança nova.

O caçador alemão Th-Zell supõe que foi graças ao sono que o homem primitivo pode viver nos territórios povoados de animais ferozes, conseguindo, no entanto, escapar. Em geral os grandes carnívoros são todos noturnos e só a imobilidade realizada pelo sono dava ao homem encolhido dentro de um buraco ou em cima de uma árvore, uma proteção adequada.

Landenheimer acha que o sono é um suicídio "ersatz" que aparece na forma de um automatismo anti-suicida. Claparède acha que todas as funções de defesa são antecipantes: "... a pupila se contrai antes que o raio luminoso tenha ofuscado a retina, a tosse desabrocha antes que o corpo estranho tenha atingido os brônquios... a fome e a sede também se antecipam: na realidade comemos e bebemos muito antes de estar no ponto de morrer de inanição ou de desidratação..."

O estado prolongado de sono do homem antigo se identifica e se associa com o estado de transe e de semi-hipnose em que se encontra o homem capaz de adivinhar o pensamento do semelhante e dos animais.

A capacidade de adivinhar é um estado altamente emocional encontrado com frequência no primitivo, no alienado, na criança, nas mulheres e nos animais e que manifesta tanto mais agudo quanto mais antigo é o homem e mais privado ele é da linguagem articulada.

XIX - OS GATOS DE ROMA

Sono, Pensamento e Sonho

O período de Defesa Passiva seria um período de elaboração de pensamento, imposto pela natureza a fim de que o homem seja realmente diferente e superior aos outros animais. O aparecimento, antes da linguagem articulada, deste período de elaboração de pensamento é uma medida de defesa ao futuro Homo Sapiens, medida esta imposta pela sabedoria da natureza ou pelas Forças Fundamentais da História.

Um desenvolvimento precoce da linguagem viria estorvar a germinação dos primeiros processos de pensamento e o condicionamento do homem para atingir o estado de ser superior.

Todo o comportamento do homem atrás da linguagem articulada se processa durante o período de Defesa Passiva e é o comportamento do esquizofrênico. O homem pertencente a este período é um introvertido e um isolado do mundo, é um Sonhador, e um Pensador, e um amoroso da Quimera. É um ser incoordenado e arritmico, um emotivo de grande sensibilidade; é, portanto, possuidor de todos os atributos que o capacitam a adivinhar o pensamento.

Longo estado de esquizofrenia, processando-se durante a Defesa Passiva, era necessário para fazer do homem um futuro ser superior e essa esquizofrenia do começo ainda aparece como sobrevivência, hoje em forma de Reversão ou de Regressão e é ela na realidade uma força vitalizante, pertencente aos fundamentos do homem, uma força típica que toma parte na gestação do pensamento.

O sono e o seu conteúdo, o sonho, se apresentam com os sintomas da esquizofrenia: redução de interesse no ambiente, atividade exterior diminuída, desaparecimento da astúcia necessária à vida, falsas percepções e falsas crenças, estupor e mutismo vegetativos, explosões. O semi-sono se associa ao transe hipnótico, às fugas e ao automatismo post-epiléptico.

As reações animalísticas do organismo, que são as reações com o mundo exterior, decrescem ou desaparecem durante o sono, enquanto que os movimentos funcionais vegetativos são ativados

ou continuam. O pensamento elaborado durante o sono que é o sonho, teria como estrutura e conteúdo compativo (patern), a estrutura do pensamento elaborado pelo cérebro de uma criança recém-nascida, em estado de vigia. A criança recém-nascida, em estado de vigia, se encontra sempre no estado de semi-transe do esquizofrênico e do homem situado dentro do período de Defesa Passiva. O homem adulto, dormindo no seu mundo do sonho volta a ser uma criança recém-nascida e volta a ser um esquizotímico.

Há, pois, pontos de contato bem definidos na elaboração do sonho, do pensamento da criança, do pensamento do começo e do pensamento do esquizofrênico e esses pontos de contato explicam porque o primitivo não distingue bem entre o sonho e a realidade e explicam a importância do sonho como significação real. Durante do sonho e durante a elaboração e vida do sonho, a motilidade é diminuída (30 segundo por hora de sono) e o córtex cerebral quase não funciona, como também acontece durante o período de vigia da criança recém-nascida. É esse importante repouso do córtex cerebral que trás a elaboração dos primeiros pensamentos em forma de sonho.

O pensamento ativa-se e se manifesta por meio de aparições e imagens motoras quando o homem adota posições imóveis e alheias ao ambiente e por natureza isoladas, isto é, quando ele adota as mesmas posições observadas durante o sono. O Pensador e o Sonhador são indivíduos mergulhados num mundo próprio e se encontram em estado de hipnose e efetivamente estão alheios a tudo em redor e tem uma tendência a mergulhar no mundo da Quimera. A perda da consciência que caracteriza o sono e o estado mental do Pensador é também um característico hipnótico e esta perda de consciência encontra um ambiente acolhedor na escuridão da floresta.

A escuridão da floresta é o ambiente gerador do homem da Defesa Passiva e provoca a diminuição dos impulsos visuais e auditivos. A posição horizontal do sono, com relaxamento dos músculos, provoca a diminuição dos impulsos cutâneos e a vantagem dessa posição é a de, ao relaxar os músculos, condicionar o organismo a melhor se afastar do ambiente e a melhor elaborar as imagens do sonho.

As posições encolhidas e imóveis do sono são as posições de Defesa Passiva e são também as mesmas assumidas pelo homem durante a transmissão de pensamento. Os feiticeiros, os médiuns e os adivinhos se colocam em atitude de transe a fim de exercer os seus misteres.

Tanto o estado de sono como o estado hipnótico de adivinhar o pensamento se mostram mais conspícuos em pessoas do tipo esquizotímico. Essas duas tendências marcam dois pontos fundamentais da vida do homem e exibem o esquizofrênico durante o longo período de Defesa Passiva antes da linguagem articulada.

Publicado originalmente no *Diário de S. Paulo* em 26 de maio de 1957.